

Segun'a feira, 9 de Julho de 1923

Director: URBANO RODRIGUES

Propriedade da Sociedade Editora "O MUNDO"

Redacção, administração e oficinas

RUA DO MUNDO, 95 - LISBOA

Endereço: telegráfico «JORNAL MUNDO» Lisboa

N.º telefónico | Direcção, 5.254 C;

Redacção e Administração 1.476 C;

Editor: Clemente Graça

NÚMERO AVULSO 20 CENTAVOS

Ano XXIII - N.º 7778

O MUNDO

Fundador - *Antônio Francisco Borges*

A glorificação de Junqueiro é a glorificação da Pátria. Glorifiquemos Junqueiro!

A CAMINHO DA IMORTALIDADE

O governo da Republica propõe os funerais nacionais de Guerra Junqueiro
Da basílica da Estrela, o grande Poeta será transportado para a Camara Municipal e dahi para os Jeronimos

NOTAS DE UM REPUBLICANO

A' PROVA

Há quarenta e oito horas que a grande alma de Guerra Junqueiro voou para os céus serenos. Há nesse país uma literatura? Parece que não. Quando cai um poeta como Junqueiro, que é ele só um bloco de arte, intérigo, talhado num dia, não se comprehende que não resse um círculo em que todas as literas gemem as elegias supremas. Aqui é o silêncio, quasi completo, glacial, abominável, miserável, quer tradiu a impotência do verbo, quer signifique as indiferenças do espírito. Digo isto por Junqueiro, que ele foi precisamente a corda sonora que nunca deixou vibrar em estremecimentos de harmonia. Digo-o pelos que constituem a nossa literatura, pobre sem dúvida, mas que, pelo menos, podia mostrar que vivia, só por saber admirar.

Ha para ahi alguém que reputa descobrida a aproximação de Junqueiro e de Vitor Hugo. Se houver, pouco importa. Não basta potentejar discordâncias, é necessário justificá-las. O certo é que entre todos os poetas modernos, exceptão feita de Restaud, e esse mesmo mais na forma do que na essência, Junqueiro é quem mais reflecte o genio de Hugo. O poeta dos *Châtiments* foi seu grande mestre, e não teve discípulo mais fiel. Junqueiro integrava-se tanto no espírito de Hugo que o seu artigo no *Ilustração de M. Pina*, por ocasião da morte do maior poeta do século XIX, foi o melhor, o mais vibrante, o que mais se aproximou da grandeza hugoliana, precisamente porque parecia escrito pela pena do proprio Hugo. E' nestas integrações que se identificam as assimilações do genio. Estes ou aqueles episódios da vida, estas ou aquelas diferenças de gêneros literários não tem para o caso importância alguma.

Justamente porque o caso de Junqueiro em Portugal tem inegáveis pontos de contacto com o caso de Hugo na França, nós temos o direito de estranhar que se não proceda com o v. o lusitano como se procedeu com o vate francês. Se aí duvidas de atenuar as proporções. Nem Portugal ha um meio tan intelectual como o da França, nem Junqueiro é tão grande como Vitor Hugo. Mas dentro dessas proporções a identidade existe, e a homenagem a prestar ao poeta dos *Simples* deve-se necessariamente paular pela que foi prestada ao poeta *Le Gentil des Siècles*.

Que vemos nós na homenagem prestada a Hugo? Vemos que, imediatamente após a sua morte, não se ouviu de todos os lados, na vasta arena literária de França, senão um círculo unânime em que o preito mais sentido ao poeta que melhor encarnava o genio nacional espontaneamente ressoou. Nesse momento ninguém inquiriu das convicções políticas ou religiosas do poeta. Todas as mãos agitaram palmas; choravam as braçadas de flores. Os jornais vinham cheios das homenagens prestadas pelos maiores nomes da França literária. Num falava Ernesto Renan; outro manifestava-se Emile Zola; outro proclamava-se Emile Augier; outro soluçava Théodore de Banville; outro ainda, cantava Leconte de Lisle. Na multidão dos admiradores do ex-

MAYER GARCÃO.

JUNQUEIRO

O processo crítico de uma obra como a de Junqueiro não se faz em quatro peças. Não tentarei fazer de forma nebulosa. Tento a inteligência da minha sensibilidade. Não sou um crítico. Pegar numa obra, sobretudo numa obra de beleza verbal, e pôr-se numa pessoa a dissecá-la, a desfibrá-la, pedacinhos por pedacinho, submetendo-a a uma analise minúscula e tabeliada, é uma tarefa que absolutamente transcende as minhas forças. Decomponer analiticamente uma obra de arte é profaná-la. Direi até: é profaná-la! Deixar essa fauna de parasitas dos que na palavra ou no marmore, na plástica utilidade da cor ou na fluida nevoa das sonoridades puderam insuflar uma peregrinação imortal da alma humana, criando formas, harmonia, beleza. Pode ser muito interessante como sport intelectual, mas à minha sensibilidade repugna. Junqueiro foi um republicano, direi apesar de várias passagens das anotações finais da *Patria* explicam tudo. Esta, por exemplo:

— Acito uma parte da teologia da Igreja Católica. É perfeita. A outra parte não a aceito, repulso. Sou um cristão. Sempre o fui. Não sou um católico. Mas reconheço hoje, porque estou aí e medito profundamente, que dentro da Igreja Católica vivem muitas das maiores figuras da humanidade, algumas das mais puras almas que tem desabrochado sobre o mundo.

Sob o ponto de vista político, e para justificar a afirmação de que Junqueiro não foi

nunca, estruturalmente, um republicano, direi apenas: várias passagens das anotações finais da *Patria* explicam tudo.

Esta, por exemplo:

Foi o rei um homem, que a nacionalidade morbia a levantar por encanto. E bem se me dava a mim da questão política, da forma do governo. Essencial, a forma do governante. Profromo a boa República a um dia monárquico. A coroa de rei, de pais a filhos, transmissível, como a coroa de Venus; o trono hereditário como os escravos — absurdos evidentemente. Mais se de absurdo anelito o mundo! Subsiste menos da majestade a ex^a que da ex^a so tu. Impero eu mais no meu criado que o rei em mim. Ha em cada burguês uma monarquia. Milhões de burgueses, milhões de absurdos. E eliminam-se numas horas?

Se sob o ponto de vista religioso Junqueiro, determinado pelo jacobinismo anticlerical em voga no período da formação do seu espírito, foi um militante da irreverência, sob o ponto de vista político Junqueiro foi, em toda a acepção da palavra, um liberal, mas só por boas razões e motivos circunstanciais, que a exaltação do seu patriotismo fez irresistíveis. Junqueiro se insurgiu contra a monarquia, tornando-se um palaiano febril da Re-

volução. Desgraçadamente, havera quem encare a apoteose do Junqueiro, cedendo a prevenções de qualquer natureza política ou religiosa? Ai de nós! Ai de nós! Até nisto encontrámos a face contrária dos sectarismos irredutíveis! Não conseguiremos todos nesta manifestação nacional, porque para uns Junqueiro teve o defeito de possuir um coração republicano, e para outros o de não dispensar as consolações do infinito divino? O grande poeta, aquiva que cantou com uma garganta de rouxinol, ha de ser considerado, de um lado, só como um jacobino sanguinário e do outro apenas como um reacionário tenacissimo? O' tristeza das tristezas! O' miséria das misérias!

Desenganemo-nos. A morte de Guerra Junqueiro veio pôr à prova o sentimento nacional. O poeta patriota, por excelência, devia contar com todas as forças, com todos os mananciais do patriotismo português. Momento solene, momento único, dizia eu ontem. Repito-o com a maior convicção. E' um país inteiro que tem de mostrar o que vale o seu coração e o seu espírito, garantias supremas da independência e da liberdade.

MAYER GARCÃO.

publica. Republicano ideólogo nunca o foi. A República que ele reclamou não foi «uma República estupidamente doutrinária, mas nacional». Não era o que costuma chamar-se um republicano de princípios, mas um republicano passionado. Não o impeliam silogismos mentais, mas sangrentas, desgarradoras humilhações. O *ultimatum*, que por instantes, num fugaz estremecimento, sacudira milhões de egoismos estagnados, abrásara para sempre a sua grande e nobre alma apaixonada!

Pretender reduzir os canticos proféticos e desgrenhados da *Patria* às proporções de um panfleto é injusto. O conceito que da decadência nacional está implicito nas convulsões apóstrofes dêsse poema é simplista? Nem todo o mal veio dos Braganças e do jesuitismo? Mas Junqueiro não foi um prescindido da história, e esta, que assim a talhou, violenta, apaixonada, demolida, iconoclasta, parfletaria, foi Oliveira Martins — uma das mais poderosas cerebrações que tem desaparecido em Portugal. Leu-a Junqueiro? Abravou-se na sua leitura? Ampliou-a dramaticamente com o seu estupendo sopro de criador de visões e de imagens o genio de Junqueiro? Era um poeta! Se o sabio errou no exagero das suas conclusões, que admira que o poeta não fosse exacto nas imprecocações solenes da sua colera? Foi belo. E' o que importa. Ser belo vale infinitamente mais do que ser exacto. Gerou raias? Mas também fez brotar lagrimas. Nos terços de *Nun Álvares* quem gemit? E' a Pátria! A mágoa de um instante? Não! Uma eternidade de sofrimentos.

Perante o cadáver de Junqueiro sentiu uma saudade quasi filial. Esse velhinho, penquinho, quasi imaterial deu-me beleza, emoção, deslumbramento e orgulho ás mãos cheias.

Orgulho de ser português.

B. URVOE MENESES.

Os desejos do Poeta

A propósito da morte de Junqueiro inseriu ontem o *Diário de Notícias* o seguinte informe:

Sabe-se que o Poeta morreu religioso, isto é, num ambiente católico interior e rumo às religiosidades. Mas não foi sacramentado, sequela nos disse o dr. Mesquita de Carvalho, por não ter nenhuma nra essa desejo.

Esta versão contraria a que anteriormente fôr registada por vários jornais e que *O MUNDO* publicou também. Mas as nossas informações confirmam-na. O grande Poeta exprimiu apenas o desejo de que o seu funeral fosse religioso e modesto.

Dr. Emílio Mendes

Com sua esposa, parte hoje para Vichy, onde vai fazer uma cura de águas, o nosso prezo amigo sr. dr. Emílio Mendes, a quem desejamos uma feliz viagem.

Ler na 4.ª pagina varias notícias.

EM ESPANHA

Como a situação económica de Portugal é apreciada

MADRID, 9.—O jornal *E Finanziero*, em artigo assinado por Eusebio Rivas, referindo-se à situação económica portuguesa diz que a divisa comercial do Estado que está bastante depreciada, melhorou nos últimos meses e tem tendências para experimentar novas melhorias, tendo contribuído eficazmente para esta melhoria o empréstimo interno que se realizou com grande sucesso, demonstrando-se de um modo absoluto a confiança do público nos descontos da divisa e que servirá de base para o empréstimo exterior que venha a ser o causador do saneamento da moeda e do equilíbrio económico. Diz também que a situação política está serena, havendo confiança na obra do governo.

DR. AUGUSTO DE CASTRO

Foi transferido para depois dos funerais de Guerra Junqueiro o busto da Associação Industrial em homenagem ao sr. dr. Augusto de Castro, nro diretor do *Diário de Notícias*. Os deuses restos seriam levados para o cemitério da aldeia onde nasceu ou onde o sol não dei-va de o ir beijar, manhãzinha

Onde devem repousar os restos mortais de Guerra Junqueiro?

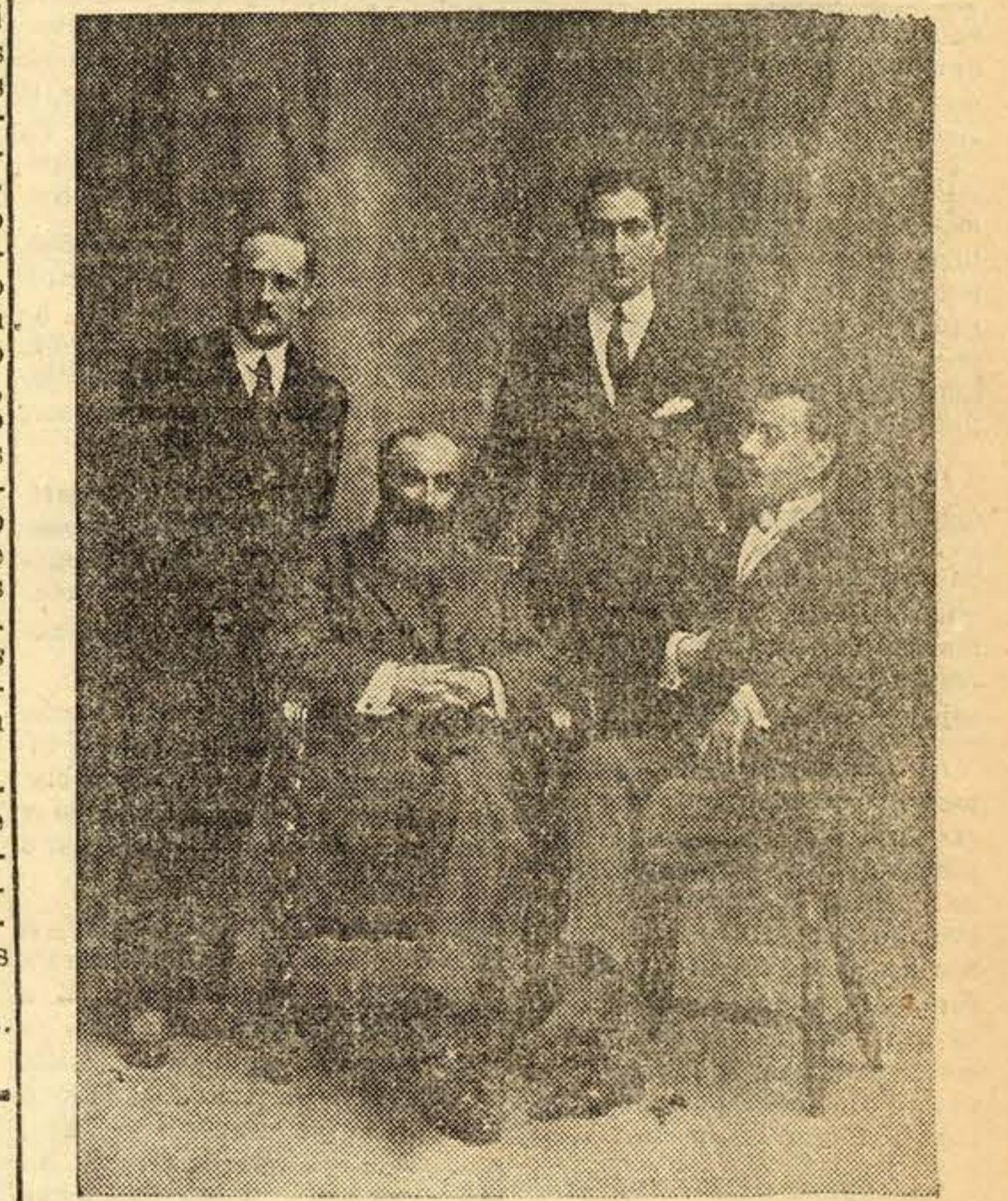
O que dizem políticos, escritores e jornalistas

Por toda a banda havia olhos úmidos, todos os dias que Deus acenevoados de lagrimas. Ainda os mundos deitar?

Para os nossos leitores vão sem cuidados de seriar, por categoria ou nome, as respostas que colhemos a estas interrogações:

Jáime Atíz — Quanto a mim, os Jeronimos são o seu verdadeiro lar. Depois, e se ele deixou qualquer coisa escrita nesse sentido, levem-no; mas agora, agora que a Pátria comovimenta depara a sua perda, que é irreparável, temos, nós portugueses, obrigação de o levar numa romântica triânta alô o mosteiro perpetuador da nossa epopeia de descobridores e lutadores.

Dr. Belencourt Rodrigues — Primeiro para os Jeronimos, depois para a casa, para a aldeia, para o cemiterio da sua aldeia, que lhe era tão querida. Isso está de acordo



GJERRA JUNQUEIRO

Uma almirável recordação do grande Poeta, num grupo que fazem parte Olavo Bilac, gótico desaparecido do Brasil; João de Barros e Pedro Bordalo Pinheiro.

nos olhos los qd iam despolarizarse, com a simplicidade admirável, unido, das suas últimas horas e dos seus últimos livros e dos seus últimos anos de existência.

Rui Brantão — Não, para os deusmos, não. A Pátria deve-lhe alguma coisa mais do que um cortejo; a Pátria deve-lhe uma apoteose. Para a Bilalha é que ele tem de ir. Ah! sim, ah! é o seu lugar. Posto lá ao lado de Camões. Só os dois maiores poetas da Rua, os dois grandes poetas da Rua.

Dr. Queiroz Veloso — Nos Jerónimos estão os maiores homens do seu século: Herculano, Garrett, João de Deus. E' lá, portanto, o seu lugar. Só porventura ele manifestasse desejos de ir repousar para o cemiterio onde nasceu ou onde o sol não deixa de o ir beijar, manhãzinha

ULTIMA HORA

A MORTE DO POETA

DOIS INEDITOS

DE

Guerra Junqueiro

Viver é amar, e amar é padecer. Deus é o Infinito amor infinitamente vencendo a infinito. Todos os grandes homens, santos, heróis, filósofos ou artistas são expressões sagradas, religiosas. A mais alta é o Santo, porque na suprema bondade está incluída a verdade suprema e a suprema beleza. Mas, quer o sabio, quer o poeta, imortalizam-se como o santo, vivendo a vida instantânea — da hora e do lugar, com alma de eternidade e de infinito. Não medem num grão de areia sem balor o mundo, não arrancam um grão de areia sem quebrar a ruína desse queque; sentimo-nos sufragados de angústia e incapazes de prosseguirmos já na nossa missão de jornalistas, e quem os interesses nacionais tan- das vezes nos obrigaram a ardua tarefa de uma discussão, por vezes desgarravam-nos forma como esses interesses são tratados. Neste momento, nos sentimos a necessidade dessas treguas políticas, para não perturbarmos com algum aviso comentário aquele silêncio angustiante e solene que é preciso manter ante o caminhar inseguro do maior de todos os portugueses, do artista supremo, do patriota inigualável, do alma superior do Poeta e de Santo, Junqueiro, no seu desaparecimento, da todos os seus conciliávamos um só exemplo de serenidade, de pacificação. A sua alma limpasse de todos os odos e, de olhos postos no símbolo de humildade, de renúncia, de resignação e de bondade amorável que é S Francisco de Assis, como ele foi na realidade ou como o criou a lenda. Junqueiro expira serenamente, sem queixume, sem um gesto de desespero, sem uma imprecção, passando qua-o imperceptivelmente de sono transitorio em que adormecera para o sono eterno da morte. O seu rosto, a alvura do luar, respondece nella a candidez da sua alma cheia de pureza e não havendo o fitem que se não baixem envergonhados, no arrependimento das lutas, das relações, dos rancores destes últimos anos da nossa vida política.

Ha em volta do Poeta querido um ambiente de paz e de fraternidade. A Patria vai tomá-lo nos braços, pagar-lho o mortal poema que ele a cantou em estrofes sublimes e vai levá-lo aos Jerónimos. Pois bem! I S. jumos todos dignos desse acto. Não esqueçamos nunca a filosofia tranquila, serenissima, que o filho, uma bela manhã, quando seu pai o supunha enterrado, entrou-lhe pelo Paraiso dentro, lívido e espectral, escorrendo sangue e disse-lhe: Meu Pai, remi a humanidade. Venho martirizado, diacerado, a alma cheia de amurguras, o peito cheio de lanças — e por tanto feliz! O mundo era um circo monstruoso, um Coliseu imenso, onde todos os vícios, todos os apetites, todas as paixões — feras humanas — se combatiam, mordiam, estrangulavam, num paroxismo sanguinento de bestas ebris, ferozes, assassinas. A esse Primalício universal, de Atenas a Roma, de Aspasias a Messalina, presidi Jupiter, o Nero divino, o Deus cínico, o Deus obeso e crápulo, que baixou do Olimpo com toda a sua corte oriental — manadas de histerias e bandos de prostitutas — assistindo, de alto de triclinio, à orgia da bacelica, ao pavoroso e desgrenhado banquete de um mundo em temencia, para quem a vida era o minuto de gozo, o instante do riso — o dia de hoje! Salvei o sonoro humano. Puríssimo! De um rebanho de corpos fiz um exercício de almas. De milhares de vermes fiz milhares de astros. Como? Dizendo ao corpo: — é nadar — e dizendo ao espírito: — é tudo! — Corporei para o sepulcro, Espírito, para a glória eterna. Eliminei a carne, eliminei o pecado. O globo que eu vi povoado de crimes, deixei-o estrelado de consciencias. Converti a terra, e pus-lhe por cima um outro ceu.

Trago-l-e o imperio do Universo, meu Pai! E o Nuzareno atirou-lhe aos pés o diadema de espinhos e a cruz ensanguentada do Calvario.

GUERRA JUNQUEIRO.

As manifestações de condoleância no Porto — Palavras de Leonardo Coimbra

PORTO, 8. — Continua sen o sentido mais profundo a tristeza da morte do grande poeta. Todos os jornais deitam extensos rituais à memória do admirável artista dos Simples. A desolação viu-se expeditos do Porto muitas cartas pelas associações comerciais, industriais e agrícolas portuguesas, e bem assim pelas delegações das firmas portuguesas aliadas pela ruptura do contrato e que instantaneamente desfizeram recompraram os seus negócios com a França. Sera muito conveniente dar publicidade aos protestos portugueses, a fim de que a imprensa francesa possa entenderamente transcreverlos. (—) O Comité do Defesa Franco-Portuguesa.

O acordo comercial com a França

Medidas de publicidade a adoptar em seu proveito

Foi-nos comunicada telegraficamente a seguinte nota oficial:

PARIS, 7. — Os sindicatos das associações comerciais e industriais francesas, e bem assim as firmas mais importantes, continuam a protestar formalmente junto do seu governo contra a ruptura do acordo franco-português, e solicitem o reabertura dos negociações. A fim de fazer a rápida solução de um dia ou dois, o governo comercial, considera que os termos já com moralmente sustentados nas suas negociações, devem ser feitos em favor da apuração económica por notícias e convenções das maiores e votos apresentados pelas associações comerciais, industriais e agrícolas portuguesas, e bem assim pela delegação das firmas portuguesas aliadas pela ruptura do contrato e que instantaneamente desfizeram recompraram os seus negócios com a França. Sera muito conveniente dar publicidade aos protestos portugueses, a fim de que a imprensa francesa possa entenderamente transcreverlos. (—) O Comité do Defesa Franco-Portuguesa.

A navalha em ação

Um individuo é atingido por duas facadas no ventre, ficando em estado grave

Na madrugada, pelas duas horas da manhã, deu-se a trágica na sala do observatório do hotel de S. João, o carpinteiro Manuel Afonso, de 35 anos, natural de Tomar e residente na traveza de S. Sebastião, em Almada, que na taberna das Andorinhas, aquela vila, se envolveu pola meia-noite em desacordo com um tal Joaquim Choco, acabando este por lhe dar duas facadas no ventre, a ponto de ficar com os intestinos de fora. Conseguiu para Lisboa a bordo de uma fragata, verificou-se ser grave o seu estado. O acusado foi preso.

EM ALENQUER

Atentado dinamilista contra a residência de um sacerdote

A pacata e laboriosa vila de ALENQUER só teve de madrugada, pouco depois de meia noite, sobressaltada por um enorme estampido que alarmou profundamente todos os habitantes da vila. Soubese logo que o estampido fôra de uma bomba de dinamito, que tinha sido lançada contra a residência do condego sr. Joaquim Silva, que ha muitos anos ali reside e de cuja estima e das simpatias de todos os habitantes do concelho. A explosão causou grandes estragos, fêcio a casa de jantar todo esburacada e os móveis muito danificados. O autor da proeza foi um indivíduo de nome Santos, que deixou os restos da bomba a bordo de uma residência de uma das casas da vila, se envolveu pola meia-noite em desacordo com um tal Joaquim Choco, acabando este por lhe dar duas facadas no ventre, a ponto de ficar com os intestinos de fora. Conseguiu para Lisboa a bordo de uma fragata, verificou-se ser grave o seu estado. O acusado foi preso.

A reforma do ensino

Uma reclamação da Câmara do Funchal

FUNCHAL, 7. — A Câmara Municipal do Funchal reclama contra a base oficial do projecto de lei de reforma do ensino, pedindo que o curso especial seja extensivo ao liceu do Funchal, devido à sua excepcional importância, e em Porto Braúdo, quinta de Alfarine, onde se encontrava a esposa

LUTO NACIONAL

GUERRA JUNQUEIRO

A noite passada na Basílica da Estrela — Os turnos da iniciativa da academia

Além dos estudantes e escoteiros, velaram na basílica da Estrela durante a noite os restos mortais do grande poeta os srs. drs. Ribeiro Pedreira, João do Vale Carreira, representantes do antigo Centro Republicano dr. Mesquita de Carvalho, alguns elementos da comissão organizadora da mesa no Centro, representantes do Corpo do Salvamento, pessoas da família, fr. Fernando Emissário da Silva, Flávio Pires, Manuel José Guzelha, Eugénio Figueira Alves, dr. Ricardo Pais Gomes, Manuel Ribeiro, que representava a junta da frequentação da Lapa, Humberto Zuppa, da legação da França, José Maria Pereira, Costa Mota, Mercedes Blasco, tenente-coronel Fernando Borges, Manuel de Abreu, pelo Albergue dos Inválidos do Trabalho, José Maria Pinto Junior, Francisco Ramos Costa, senador, etc. Os turnos de estudantes e escoteiros foram assim organizados até a uma hora de madrugada:

Das 18 às 19 — Zígal, Fernandes, Fonseca Júnior, Santos Paiva, Rodriques Miguel e Pinto Rodrigues.

Das 19 às 20 — Fernando Mayer Garcia, Soares Baptista, António Miranda, Eusébio Brito e Bastos Garcia.

Das 20 às 21 — Presidente da Associação dos Estudantes Barões, António Fachada, Filipe Ferreira, Quintão e dr. José Maria Rodrigues.

Das 21 às 22 — Delegados do Grupo de Escoteiros n.º 13 e os académicos Manuel Torres Marques, Carlos Santos Paiva e Alberto Graca.

Das 22 às 23 — Delegados do Grupo de Escoteiros n.º 13.

Das 23 ás meia noite — União da Mocidade Republicana, pelos srs. Fernando Mayer Garcia, Santos Ferro, Rodrigues Miguel, Soares Baptista e Pinto Rodrigues.

Da meia noite ás uma hora — António Miranda, Filipe Ferreira, Eusébio Brito, António Fachada e presidente da Associação de Estudantes Barões.

Autorizada pela família do ilustre poeta, a Casa dos Jornalistas convocou todos os profissionais da imprensa a constituirem um turno, noite, na basílica da Estrela, das 18 às 19 horas.

Depois de uma hora da madrugada, até ás 8 horas

Da uma ás duas horas realizou-se o oitavo turno dos estudantes que tomaram parte os srs. A. Pais Gomes, presidente da Associação dos Estudantes Barões, António Fachada, Filipe Ferreira, Quintão e dr. José Maria Rodrigues.

Autorizada pela família do ilustre poeta, a Casa dos Jornalistas convocou todos os profissionais da imprensa a constituirem um turno, noite, na basílica da Estrela, das 18 ás 19 horas.

Junqueiro entrou no Grande Silêncio da Morte. A Portugal deixou a base da sua obra, a que o tempo de desgastar as arestas de espólio inferior para que espumas figura o brilho sereno da sua infinidade de versos, o caixão da sua grande simpatia humana. A Deus levou a sua alma, que as nossas moças moraes devem comovidas a lembrar que tantas vezes serviu para o alongside o mistério, a ressonância obísmatica da sojoriedade do seu

turno.

Depois de uma hora da madrugada, até ás 8 horas

Da uma ás duas horas realizou-se o oitavo turno dos estudantes que tomaram parte os srs. A. Pais Gomes, presidente da Associação dos Estudantes Barões, António Fachada, Filipe Ferreira, Quintão e dr. José Maria Rodrigues.

Autorizada pela família do ilustre poeta, a Casa dos Jornalistas convocou todos os profissionais da imprensa a constituirem um turno, noite, na basílica da Estrela, das 18 ás 19 horas.

Depois de uma hora da madrugada, até ás 8 horas

Da uma ás duas horas realizou-se o oitavo turno dos estudantes que tomaram parte os srs. A. Pais Gomes, presidente da Associação dos Estudantes Barões, António Fachada, Filipe Ferreira, Quintão e dr. José Maria Rodrigues.

A comissão instaladora desta colectividade convidou os seus associados a tomarem parte em todos as cerimónias fúnebres que se realizarão na B. S. Igreja da Estrela, ou hora dela, em honra de Guerra Junqueiro. O caixão da Patria e precursor da República, se afundou, em virtude de um forte temporal, no mar, e o barco que o transportava, a 100 milhas de Lisboa, naufragou.

Um apelo aos estudantes da União da Mocidade Republicana

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.

Durante o dia os estudantes não deixaram de velar o cadáver de Guerra Junqueiro, para o que se estabeleceram turnos, o seu lugar junto do altar, levando efectuar-se os seguintes turnos:

Das 6 ás 7 horas, os srs. Santos Paiva, Filipe Ferreira e A. Pais Gomes; das 7 ás 8, os srs. presidente da Associação de Estudantes Barões, António Fachada e o País Gomes.